

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento do I Fórum Nacional de TVs Públicas**

Hotel Nacional – Brasília-DF, 11 de maio de 2007

Companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,

Companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de
Comunicação Social da Presidência da República,

Companheiro Juca Ferreira, secretário-executivo do Ministério da
Cultura,

Companheiro Orlando Senna, secretário nacional de Audiovisual,

Companheiro Jorge Cunha Lima, presidente da Abepec – você viu que
estou chamando todo mundo, aqui, de companheiro, independentemente de
ser do governo ou não,

Companheiro Mário Borgnet, da coordenação executiva do I Fórum
Nacional de TVs Públicas,

Companheiros e companheiras do Fórum,

Companheiros da imprensa,

Vamos habituar a nos chamar de companheiros, para ver se a TV
pública sai de verdade.

Eu fico sempre com dúvida se devo fazer o discurso que deveria fazer,
ou se devo fazer outro. Porque neste momento, antes de ler o meu discurso, eu
queria ter o poder de penetrar na cabeça de cada um de vocês por cinco
segundos, só para ver que tipo de TV pública tem na cabeça de vocês. É
verdade. Hoje, não sei por que, mas acordei muito cedo, lá pelas quatro da
matina, liguei a televisão e tinha um documentário sobre o Real Madrid. E, no
documentário, a grande incógnita, a pergunta do cidadão que fez o
documentário era o que significava o Real Madrid na cabeça das pessoas. E
ninguém sabia definir muito bem o que significava o Real Madrid, todo mundo
só sabia que era uma coisa muito grande, maior do que eles tinham condições
de definir.

E eu penso que, aqui, se nós pudéssemos fazer uma pergunta: o que

significa uma rede de TV pública ou uma rede de rádio pública para o Brasil, possivelmente cada um de nós não saberia definir corretamente o que é, porque todos temos na cabeça uma imaginação maior, quem sabe, do que nós mesmos teremos competência para fazer. Possivelmente, cada um tivesse um modelo na cabeça: “ah, mas o modelo italiano, o modelo francês, o modelo não sei o quê...” E eu acho que o que vocês conseguiram produzir, e não tenha nunca receio de falar, Jorginho, já que é a primeira vez, neste País, que se faz um Fórum dessa magnitude para discutir TV pública.

A TV que nós queremos é a junção de todas as coisas boas que tem na cabeça de vocês sobre a TV pública. Em algumas coisas, nós temos que ter clareza do que vai acontecer. Nós temos um processo a percorrer, via Congresso Nacional, que vai precisar do trabalho de todo mundo. Isso tem que ser votado no Congresso Nacional. Graças a Deus, nós conquistamos a democracia neste País e o presidente não pode criar por decreto, tem que ser ou projeto de lei ou medida provisória, e ainda vamos decidir qual a melhor medida para mandar, conversar com o Conselho Político. Esta semana, Franklin, nós temos um Conselho Político de todos os partidos da base do governo com os presidentes dos partidos. Se nós os convenceremos de qual é o modelo, se é medida provisória, se é projeto de lei, nós temos meio caminho andado. E depois, vamos trabalhar para convencer, com argumentos sóbrios e maduros, o Congresso Nacional como um todo. Essa é a primeira parte.

A segunda parte, que eu também acho extremamente importante, é a gente não ter nenhuma preocupação em fazer esse debate na sociedade. Eu confesso a vocês que se essa idéia tivesse ficado apenas no âmbito do governo, possivelmente nós teríamos tomado ou recebido críticas virulentas. Como nós fizemos uma partilha disso com a sociedade, e o resultado são todos vocês, eu penso que as pessoas começam a compreender que é necessário. Muito mais do que um governo que quer é a sociedade brasileira que necessita de uma rede pública de comunicação.

Eu não tenho por que me queixar, porque sou um político bem tratado pela imprensa. Vocês sabem que eu não tenho do que reclamar. Mas eu digo sempre o seguinte: eu, como cidadão brasileiro, sinto ausência de debates dos grandes temas importantes deste País. Hoje, em nenhum estado brasileiro, com exceção de um programa chamado Canal Livre, na Bandeirantes, aos

domingos à noite, e com exceção do Roda Viva, na Cultura, você não tem um programa de debate neste País. Não um debate chato, se o governo é bom ou ruim, mas um debate sobre a questão do aborto, que apareceu nesta semana com muita ênfase, por causa da visita do Papa. Esse é um assunto que pode ser debatido na sociedade brasileira, com a maturidade da sociedade brasileira. A questão da energia nuclear precisava ser debatida. Há quanto tempo a gente não vê um grande intelectual debatendo na televisão brasileira? Aliás, hoje, nem debate sobre economia tem mais, porque quando eles querem falar de economia, eles procuram uma pessoa de mercado, não procuram mais economista.

Eu já estou aqui aproveitando e dizendo o que eu penso de TV pública. No fundo, no fundo, é isso. Eu conheço algumas dezenas de grandes intelectuais brasileiros, gente da maior importância. A questão da célula-tronco. Onde é que a sociedade brasileira vai poder ver debates e mais debates para ir se definindo, para poder ir tomando consciência do significado disso? A questão do biodiesel é uma coisa que, na minha opinião... este mundo será outro daqui a 20 ou 25 anos. Onde ele será debatido na sua plenitude, com os contra, com os a favor, com aquele que diz que vai acabar o alimento e vai só ter cana? Onde é que isso vai ser debatido para que todo mundo tenha clareza?

Essa é uma coisa de que eu sinto falta como ser humano. Chegar em casa, ligar a televisão e não ver nada disso... E agora tem um monte de TV a cabo, para quem pode pagar uma quantia, e eu acho que a maioria dos filmes que eles colocam lá são filmes de que eles não gostam. É duro achar um filme bom. Mas quem perde o sono tem que ver. A única coisa que eu gosto mesmo é que eu posso ver o futebol europeu, porque o Brasil não é mais o país em que se pratica o melhor futebol do mundo. O Brasil pode produzir o melhor número de craques do mundo, que são vendidos para fora. Agora, onde eles se apresentam, não é mais no Brasil. Basta a gente ver a Liga dos Campeões, a UEFA, o campeonato inglês, espanhol e italiano, para ver os grandes craques brasileiros e craques do mundo jogando lá. Aí, tem uma importância razoável, mas isso poderia passar na TV e você não precisasse pagar para ver, que você visse de graça. Afinal de contas, esporte é cultura e o povo tem que ter acesso, porque é uma coisa extremamente importante.

Uma outra coisa de que eu sinto falta e quero dizer para vocês, é uma coisa que nós não soubemos utilizar, nem onde tivemos chance e nem no primeiro mandato... Vamos fazer um pacto entre nós? O primeiro mandato foi para a gente fazer o que fizemos mesmo. Hoje, a gente não tem que discutir estabilidade, não tem que discutir inflação, eu não tenho que ficar mais utilizando o Fernando Henrique Cardoso como comparação para nada. Eu agora tenho que partir daqui, ou seja, o carro já está na estrada, o motor está bom, o óleo diesel de primeira qualidade, biodiesel, estamos aí andando. Essa parte econômica a gente não tem mais que discutir, o Brasil já tem 130 bilhões de dólares de reservas, a gente tem superávit de 47 bilhões, essa coisa toda. Este segundo mandato é para a gente fazer o que não fez, é para a gente criar as coisas novas que podemos criar neste País. Eu estou pensando que a gente está criando, quem sabe, um PAC da cultura, Programa de Aceleração da Cultura. Ele pode começar com uma TV pública, pode começar com uma rádio pública.

Onde é que um jovem que não pode pagar um curso de inglês, um curso de espanhol ou mesmo um curso de português, onde ele pode aprender se não pode pagar, se não pode entrar numa universidade? Nós estamos criando a Universidade Aberta, queremos levar internet banda larga para todas as escolas deste País, para os municípios, conquistamos o direito de implantar a TV digital aqui, logo. Por isso, é importante a criação da TV pública imediatamente, para a gente pegar o início da TV digital. Quando eu imagino, Gil, uma TV pública, eu tenho conversado muito com o Franklin sobre isso, eu não estou preocupado com a audiência, se bem que precisa ter audiência. Pelo amor de Deus: não vão ficar pensando que para a TV não tem nem que ter um câmara auxiliar, um só, pois é tão barata que ela vai fixar a câmara ali. Parece aqueles programas que o PT fazia em 82. Não, nós temos que ter consciência de que não queremos competir fazendo novelas, nós queremos competir na qualidade e no profissionalismo. Nisso nós queremos competir. Fazer uma coisa que as pessoas sintam o prazer de ligar e ficar assistindo, porque se não for assim, daqui a pouco a gente está como muitas que a gente tem nos estados e que não funcionam.

Todo mundo também sabe que televisão precisa de dinheiro, isso não vem de graça, acho que vai ser uma cotização entre nós. Tem que ter dinheiro,

tem que ter publicidade, tem que ter programação de qualidade. Uma coisa que eu já aprendi a falar: tem que ter grade. Já aprendi, já estou sabendo das coisas.

Então, eu imagino Gil, que nós precisamos fazer isso com a maior competência possível. Ninguém precisa ficar com medo, precipitado: “ah, mas vai fundir A com B e vai mandar gente embora”. Não vai mandar. Ninguém está pensando em mandar ninguém embora. A gente está pensando em juntar um monte de gente que já tem emprego hoje para produzir uma coisa de qualidade. Quem sabe não tem até que contratar mais gente? Nós não sabemos, nós estamos começando. O dado concreto é que não pode continuar apenas do jeito que está, é preciso avançar. Eu acho que o País está maduro para isso, eu acho que a imprensa está madura para compreender a necessidade disso, eu acho que os artistas brasileiros estão maduros para compreender a necessidade disso.

Nós não queremos, porque eu não acredito em coisa “chapa branca”. A “chapa branca”, o mal dela é que se desmoraliza por si mesma. Não adianta você querer fazer uma coisa para falar bem do ministro da Cultura ou para falar bem do presidente da República, isso não dura três meses. Nós queremos alguma coisa que tenha a dimensão de respeitar o povo na sua plenitude, nas coisas boas e nas coisas ruins. Respeitar, sobretudo, o povo.

É assim, querido Gil, que eu penso que nós vamos caminhar, viu Franklin. Eu quero ouvir muita gente, quero chamar muita gente para conversar e, enquanto isso, a gente vai implantando, mas nós precisamos ter mais parceiros do que adversários. E a qualidade vai depender da nossa competência, vai depender da quantidade de recursos que a gente tiver e, volto a afirmar: ninguém pense que televisão custa barato. Custa caro. Eu não vou nem dar os números aqui de quanto custam as atuais redes de televisão no Brasil para não assustar vocês, mas televisão custa caro. O que vocês têm que acreditar é que o nosso empenho é para fazer o melhor que a gente tiver competência para fazer, sabendo os limites do nosso País e sabendo os limites da qualidade que queremos imprimir a uma TV pública.

Eu quero terminar sem ler o meu discurso, Gil. Depois, eu posso até deixar para vocês arquivarem. Eu quero dizer o seguinte: estou convencido de que, se dependesse só da vontade do governo, a gente não tinha chegado

onde nós chegamos. A gente vem pensando nisso há algum tempo, vem discutindo há algum tempo, eu acho que, já no começo do governo, nós tentamos fazer uma coisa, tentamos abrir um convênio com a TV Internacional Portuguesa para ver se a gente ocupava um espaço para mostrar as coisas do Brasil no exterior. Às vezes eu chego em um país e fico vendo as TVs que existem, elas são pouco criativas, não dizem muita coisa. Mesmo alguma televisão brasileira que chega no exterior, a programação às vezes é do passado, é coisa antiga. Na América do Sul, nós temos que ter uma participação maior na integração dessa coisa, ou seja, sem fazer algo que seja instrumento deste ou daquele pensamento ideológico, deste ou daquele partido político, desta ou daquela religião. Eu já disse para o Papa ontem: o Brasil é um país laico. E a nossa televisão será laica. Ela respeitará tudo e todos.

Então, companheiros – estou vendo aqui se tem alguma coisa que eu ainda não falei –, eu estou satisfeito, estou alegre, estou feliz, porque eu acho que nós temos conversado – o Eugênio Bucci, nosso companheiro Franklin, o Gilberto Gil, Dilma Rousseff, Hélio Costa, o André Singer – muito sobre isso. Mas é aquela coisa, você vai conversando e não vai conversando. Mais recentemente é que vocês organizaram este Fórum e a coisa pegou no breu. Quando eu convidei o Franklin para ser ministro, uma das coisas que eu disse a ele foi o seguinte: nós vamos fazer a TV pública, vamos fazer sem trololó. Vamos fazer, porque é preciso fazer. Hoje, eu sou um homem convencido de que nós temos que fazer. Do Oiapoque ao Chuí, eu quero que as pessoas vejam uma TV fiel aos princípios da democracia, respeitando todo mundo, mas dizendo o que tem que ser dito e fazendo as coisas que, muitas vezes, não são feitas neste País.

Então, companheiros, se ninguém tinha falado, eu falei. Na verdade, se isso tivesse sido feito há 10, 15 anos, a gente poderia estar com uma coisa muito evoluída. Mas há sempre o primeiro passo. Vamos fingir que nós estamos começando a construir a Muralha da China. Demorou? Demorou, mas ela está pronta hoje. Então, nós já temos alguns passos dados nisso, não estamos começando do zero. Nós já temos vocês, que são profissionais altamente qualificados, e outros que, certamente, não estão aqui e que irão querer contribuir conosco. Então, a chance é esta. Deus me deu o segundo mandato para fazer coisas novas, e uma delas é a TV pública brasileira.

Parabéns a vocês e muito obrigado.